



**CONHEÇA O ALLI BARATO E OS 40% DE DESCONTO:
O ORIENTE BEM AQUI**

Fernando Zolin-Vesz (IFMT)

RESUMO: Neste artigo, analisa-se o enunciado *Conheça o Alli Barato e os 40% de desconto*, que constitui estratégia de propaganda de uma loja de produtos de origem árabe situada na cidade de Cuiabá-MT. Para tanto, lança-se mão da história da presença de sírios e libaneses nessa cidade e dos conceitos deleuze-guattarianos de des/reterritorialização. Os resultados sugerem que o referido enunciado constitui uma des/reterritorialização da história de *Ali Babá e os quarenta ladrões*, contribuindo tanto para chamar a atenção dos clientes quanto para nos convidar a conhecer a existência árabe que se encontra bem aqui, compondo o cenário e a paisagem des/reterritorializados da cidade de Cuiabá-MT.

PALAVRAS-CHAVE: presença árabe em Cuiabá, des/reterritorialização, Oriente

**GET TO KNOW ALLI BARATO AND THE 40% OFF:
THE EAST IS RIGHT HERE**

ABSTRACT: This article aims to analyze the statement *conheça o Alli Barato e os 40% de desconto* (in English, get to know Alli Barato and the 40% off), which is a publicity strategy of an Arab products store in Cuiaba, Brazil. This analysis comprises the history of Syrian and Lebanese immigration to the town, and Deleuze's and Guattari's de-/reterritorialization concepts. Results suggest that the statement refers to the de-/reterritorialization of the Arab story *Ali Baba and the forty thieves*. This seems to contribute to direct clients' attention and it invites us to get to know the Arab existence that is right here, composing the de-/reterritorialized scenery and landscape of Cuiaba.

KEYWORDS: Arab presence in Cuiaba town, de-/reterritorialization, East



Brazil has one of the largest Muslim communities of the Americas, which has been formed by diverse waves of migration from the Middle East (Syria, Lebanon, Palestine) since the nineteenth century (PINTO, 2014, p. 241).

O Oriente esteve sempre, em relação ao Ocidente, na posição do forasteiro e do parceiro mais fraco (SAID, 2013, p. 282-283).

Introdução

Na urdidura da contemporaneidade, a crescente mobilidade de pessoas, línguas e textos não mais localizados em territórios definidos, mas em um mundo des/reterritorializado¹, tem nos possibilitado, como observa Haesbaert (2007; 2013; 2014), viver em um mundo com diversidade maior de territorialidades, com facilidades múltiplas de acesso a essas territorialidades e trânsito por elas.

O cenário urbano de Cuiabá já sugere indícios desses “novos tempos”. Assis-Peterson (2008), ao examinar cem nomes de estabelecimentos comerciais, em inglês, encontrados na cidade, conclui que:

os brasileiros se apropriam da língua inglesa, manipulando-a, deformando-a, deturpando-a, transformando-a em matéria bruta a ser reinventada pelo design na nomeação de casas comerciais para chamar a atenção do cliente em meio à competição do mercado (ASSIS-PETERSON, 2008, p. 338-339).

Esse inglês des/reterritorializado, portanto, faz parte da paisagem cuiabana, enredada pela relação espaço-temporal da contemporaneidade, em que as fronteiras territoriais e linguísticas se diluem, contribuindo, de igual modo, para a compreensão do retrato de uma Cuiabá plural.

Se, por um lado, a noção de pluralidade pode ser remetida a esse inglês des/reterritorializado, ao mesmo tempo, convém ressaltar as diversas levas de

¹ Emprego a grafia “des/reterritorialização” para me referir ao processo de reterritorializar o que é primeiramente desterritorializado (DELEUZE; GUATTARI, 2010).



imigrantes que, desde o século dezenove, atraídas “pelas notícias de que Mato Grosso era uma terra riquíssima e em sua capital Cuiabá encontrava-se ouro nas ruas” (BRANDÃO, 2007, p. 27), já contribuíam, com suas línguas e textos des/reterritorializados, para tornar a paisagem urbana ainda mais múltipla. A presença de árabes em Cuiabá, a começar pelas décadas de 1860 e 1870, sinaliza toda essa multiplicidade linguístico-cultural do cenário cuiabano.

Neste artigo, busco analisar o enunciado² *Conheça o Alli Barato e os 40% de desconto* – no meu entender, des/reterritorialização da história de Ali Babá e os quarenta ladrões – que constitui estratégia de propaganda de uma loja de produtos de origem dos países do Oriente Médio, situada em Cuiabá. Para tanto, lanço mão, primeiramente, da análise do referido enunciado, da presença árabe em Cuiabá e abordo os conceitos de des/reterritorialização, tendo como aporte a obra deleuze-guattariana. Dessa forma, intento discutir como, para além de uma forma de chamar a atenção do cliente em meio à competição do mercado, esse enunciado também nos convida a (re)pensar a existência árabe não mais como esse “outro” distante, do Oriente, reduzido a um conjunto de “libertinos a cavalgar camelos, com narizes aduncos, terroristas, venais, cuja riqueza imerecida é uma afronta à verdadeira civilização”, conforme nos reporta Said (2013, p. 160), ou, ainda, “como uma sombra que persegue o judeu” (SAID, 2013, p. 382), mas cuja presença se encontra bem aqui, contribuindo para compor o cenário e a paisagem des/reterritorializados da cidade de Cuiabá.

² Entendo enunciado em sua vertente foucaultiana, ou seja, como uma função, que atravessa estruturas e unidades possíveis linguisticamente – uma frase ou uma proposição, por exemplo – e faz com que lhes atribuamos (ou não) sentido. Sendo assim, um enunciado está relacionado com um referencial, que define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá sentido às estruturas e unidades linguísticas (FOUCAULT, 2008).



1. Presença árabe em Cuiabá

Apesar de a cidade de Cuiabá possuir uma mesquita desde o final da década de 1970³ e receber levadas consecutivas de imigrantes sírios e libaneses desde a metade final do século dezenove, apenas um trabalho de investigação (BRANDÃO, 2007) sobre a presença árabe na cidade se encontra disponível no banco de dissertações do site do programa de pós-graduação em História⁴ da Universidade Federal de Mato Grosso. Como observa o próprio autor, “ainda há muito por fazer” (BRANDÃO, 2007, p. 19). Entretanto, a incorporação desses imigrantes à vida social da cidade ocorreu de tal forma que, em tempos atuais, passa quase despercebida a existência de espaços com seus nomes, como a praça Rachid Jaudy e o clube Monte Líbano, além da supracitada mesquita.

Essa característica da imigração árabe de integração ao cotidiano e à população local da cidade não se restringe a Cuiabá. Como observa Farah (2014), os árabes, vindos principalmente do Oriente Médio (sírios, libaneses e palestinos), da primeira etapa de imigração (iniciada entre os anos de 1860 e 1870 e encerrada por ocasião da Segunda Guerra Mundial), “viajaram, estabeleceram-se e integraram-se social, comercial e culturalmente”⁵ (FARAH, 2014, p. 47). Em Cuiabá, particularmente, segundo Brandão (2007), eles não constituíram territórios culturais e étnicos, mas, devido, possivelmente, ao sucesso econômico e social, além da questão religiosa, já que se tratava de uma leva majoritária de cristãos ortodoxos da Síria e maronitas⁶ do Líbano, integraram-se diretamente à sociedade cuiabana, influenciando também a cultura local.

A presença de sírios e libaneses, e não de outras nacionalidades, na primeira etapa da imigração árabe – a segunda começa a partir de 1945 e

³ De acordo com o site islamcuiaba.com, a mesquita foi inaugurada em 16 de julho de 1978.

⁴ Acesso ao site ppghis.com/site/ efetuado no dia 14 de abril de 2015.

⁵ No original, “traveled, settled, and integrated socially, commercially, and culturally”.

⁶ Católicos do rito sírio.

continua até os dias atuais⁷ – ocorreu devido a motivações semelhantes. De acordo com Farah (2014), o império turco-otomano dominava a região em que os países árabes estão localizados, o que incluía o Líbano e a Síria. As motivações podem ser reunidas em duas categorias, conforme Brandão (2007): fatores religiosos e a relação de submissão ao império turco-otomano e suas leis que regulavam o acesso à terra. A primeira se refere a questões como intolerância religiosa, uma vez que se tratava de contingentes de fé cristã. A segunda alude à mudança da estrutura fundiária desses países, gerando problemas de ordem social e econômica, como o aumento da população urbana e do desemprego. Portanto, a redefinição do acesso à terra, modificando as relações de patriarcado, causando alterações no sistema tradicional, forçando a migração para as cidades são também apontadas, segundo o autor, como causas para a emigração dos sírios e libaneses. Daí esses primeiros imigrantes serem chamados, inclusive pelas autoridades brasileiras, de turcos, já que seus passaportes vinham com o carimbo de registro do império turco-otomano (BRANDÃO, 2007; FARAH, 2014).

Sírios e libaneses dessa primeira etapa de imigração chegaram à Cuiabá “na intenção de ganhar dinheiro e retornar à sua terra natal” (BRANDÃO, 2007, p. 17), inspirados por políticas de crescimento populacional e econômico da então província, que exaltavam as riquezas naturais de Mato Grosso e a “falta de braços” para explorá-las. O comércio foi a principal atividade econômica desenvolvida por esses imigrantes. Como observa Rabossi (2014, p. 97), ao analisar a presença árabe e muçulmana na região da Tríplice Fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina), “o comércio era uma atividade com retorno rápido, com a possibilidade de lucro e a perspectiva de investimento em novas oportunidades”⁸. Assim, ainda segundo o autor, a forma de comércio usada para iniciar os negócios foi a adoção do trabalho de mascate: “ao vender de porta em porta, primeiramente nas cidades e

⁷ Ressalto a necessidade e a importância de estudos sobre essa segunda etapa da imigração síria e libanesa em Cuiabá, ainda incipiente.

⁸ No original, “trade was an activity with rapid return, with the possibility of accumulation and the prospect of investment in new opportunities”.



posteriormente nas vilas e fazendas, eles garantiram um vasto mercado em que puderam estabelecer-se como comerciantes regulares”⁹ (RABOSSI, 2014, p. 97). Uma atividade característica entre os imigrantes sírios e libaneses em Cuiabá foi a de mascates fluviais. Estes mascates viajavam pelos rios, vendendo suas mercadorias a comunidades ribeirinhas, antes, portanto, da fixação no comércio da cidade (BRANDÃO, 2007).

Assim, foi nesse contexto que a presença árabe, composta majoritariamente por sírios e libaneses, integrou-se à sociedade cuiabana, ainda na metade final do século dezenove, constituindo, dessa forma, não apenas a paisagem urbana, com a praça, o clube ou a mesquita, mas também trazendo consigo línguas e textos que aqui foram des/reterritorializados, como abordo em outro passo. Antes, discuto o conceito de des/reterritorialização, tendo como aporte a obra deleuze-guattariana, além dos trabalhos de Jacquemet (2005) e de Haesbaert (2007; 2013; 2014).

2. O conceito de des/reterritorialização

O conceito de des/reterritorialização possui relação com a mudança, na década de 1990, da concepção antropológica de cultura, que a deslocou de um território – ou uma territorialidade – “naturalmente” contíguo. Essa mudança foi influenciada pela discussão sobre o conceito filosófico de des/reterritorialização, cunhado por Deleuze e Guattari (2010), que oferecia uma visão alternativa à compreensão dominante de subjetividade como inserida em um confinamento territorial.

O uso do termo des/reterritorialização, portanto, implica elucidar, primeiramente, a concepção de território a que Deleuze e Guattari se referem. Para isso, convém vincar que, segundo a obra deleuze-guattariana, o desejo é constituinte de toda relação social, sendo agenciado e tendo sentido de

⁹ No original, “by selling door by door, first in the cities and later in the villages and farms, they guaranteed an expansive market where they could establish themselves as regular traders”.



positividade. Dessa forma, não desejamos apenas uma coisa, mas um conjunto de coisas. O desejo, assim, cria territórios, uma vez que compreende uma série de agenciamentos. Como advogam os autores, ocorre uma transpassagem: “movimento pelo qual a produção desejante não para de transpor o limite, de se desterritorializar, de fazer fugir seus fluxos; e, ao mesmo tempo, passa a operar as reterritorializações artificiais do desejo (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 414).

Na visão deleuze-guattariana de território, portanto, tudo está envolvido no movimento de territorialização e desterritorialização. Os agenciamentos são, assim, moldados nesse movimento concomitante, extrapolando o espaço geográfico. O conceito de território se torna abrangente: como tudo pode ser agenciado, ao mesmo tempo tudo pode ser desterritorializado e reterritorializado. Território, por isso, refere-se ao movimento que governa os agenciamentos. Como bem observa Haesbaert (2014, p. 127), “muito mais do que uma coisa ou objeto, o território é um ato, uma ação, uma *relação*, um movimento (de territorialização e desterritorialização), um ritmo, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce um controle”.

Dessa forma, na construção de agenciamentos, a territorialidade é central: todo agenciamento cria a territorialidade que o envolve. Perseguindo essa perspectiva, Haesbaert (2013) aponta que o termo territorialidade é um conceito mais amplo do que território, uma vez que o autor concebe a existência da territorialidade sem território, ou seja, um campo de significações territoriais, que os atores sociais portam consigo, sem existir necessariamente um território (concreto, físico) correspondente a esse campo. Essa acepção, como bem observa Haesbaert (2007), destrona a supremacia conceitual de território físico e concreto e expande a concepção de território vinculada à ideia de Estado-Nação, moldada pela continuidade e pela fixidez, em que diferentes grupos sociais são homogeneizados em um determinado território nacional, reforçando, assim, os critérios de inclusão/exclusão, dentro e fora.



Entretanto, o fato de que essa acepção de território nacional seja posta em questão, na contemporaneidade, não quer dizer, como ressalva Haesbaert (2014), que essas formas de território estão ausentes. Ao contrário, formam um amálgama complexo com as novas modalidades de organização territorial. Por isso, Haesbaert (2007; 2013; 2014) propõe o termo multiterritorialidade como a possibilidade de acessar e vivenciar, concomitante e/ou consecutivamente, diversos territórios, no sentido de acionar diferentes territorialidades, mesmo sem deslocamento físico. Hoje temos uma diversidade muito maior de territórios/territorialidades, com múltipla facilidade de acesso e trânsito.

Assim, para Jacquemet (2005), o conceito deleuze-guattariano de des/reterritorialização ainda constitui metáfora para compreendermos um aspecto da vida social contemporânea: a dissolução da relação supostamente “natural” entre território/territorialidade e práticas culturais, linguísticas e identitárias. O processo de desterritorialização, lembra o autor, permite não apenas a dispersão de culturas e de identidades, mas sua dinâmica produz processos de reterritorialização, ou seja, autoriza ancorar e recontextualizar nossos horizontes para além das questões e relações sociais das territorialidades em que vivemos.

É dessa forma que, juntando à histórica presença árabe na composição da cidade, podemos encontrar textos, de tradição desses povos, des/reterritorializados, na paisagem urbana de Cuiabá.

3. *Conheça o Alli Barato e os 40% de desconto: Ali Babá¹⁰ e os quarenta ladrões des/reterritorializados*

Iniciemos com as imagens da propaganda da loja de produtos de origem árabe.

¹⁰ Opto pela forma aportuguesada do nome do personagem, conforme apresentada no quarto volume do *Livro das mil e uma noites* (2012).



Figura 1 – Fotos da propaganda da loja de produtos de origem árabe
Fonte: Acervo do autor (30 nov 2014)

Mesmo reconhecendo a riqueza de ambas as imagens, este artigo não busca analisá-las discursivamente. Dado seu objetivo, a análise se centrará no enunciado *conheça o Alli Barato e os 40% de desconto*, que, a meu ver, trata-se de uma des/reterritorialização do título da história de Ali Babá e os quarenta ladrões.

Antes, porém, de “conhecer o Alli Barato e os 40% de desconto”, conheçamos a história de “Ali Babá e os quarenta ladrões”, de acordo com a versão publicada pelo arabista escocês Duncan Macdonald, em 1910. Essa versão existe em um solitário manuscrito, cuja cópia, segundo Jarouche, autor da primeira tradução direta do árabe para o português do *Livro das mil e uma noites* (2005a, 2005b, 2007, 2012), data, possivelmente, da segunda metade do século dezoito.

Na história, Ali Babá era um pobre camponês que ganhava a vida cortando lenha em uma floresta. Um dia, enquanto lá estava, viu quarenta cavaleiros, que eram ladrões, bem armados, se aproximarem. Subiu em uma árvore e os observou chegarem até uma porta de aço coberta por ervas. O



chefe então disse: “Ó sésamo, abra a sua porta!”. A porta se abriu e alguns dos ladrões entraram, carregando alforjes. Assim que partiram, Ali Babá desceu da árvore, dirigiu-se à porta de aço e repetiu a frase dita pelo chefe dos ladrões. A porta se abriu e Ali Babá entrou no esconderijo, ficando perplexo com toda a riqueza que encontrou. Carregou o que fosse possível do ouro que lá havia e dirigiu-se à sua casa. Ao chegar, contou à mulher, que foi até a casa do irmão de Ali Babá, Qasim, um rico comerciante, pedir uma balança emprestada para pesar o outro trazido pelo marido. A esposa de Qasim coloca cera no fundo da balança, a fim de descobrir o que seria pesado.

Quando a mulher de Ali Babá devolve a balança, a esposa de Qasim encontra uma moeda de ouro grudada no fundo. Conta ao marido, que vai à casa de Ali Babá e este lhe revela o segredo. No dia seguinte, Qasim vai à floresta, chega à porta do esconderijo, que se abre após repetir a frase dita pelo chefe dos ladrões, entra e carrega um saco de ouro. Entretanto, esquece da frase secreta para que a porta se abra. Os ladrões chegam e o esquartejam, pendurando o corpo atrás da porta. Ali Babá, percebendo a demora do irmão, decide ir à floresta em sua busca. Chegando à porta do esconderijo dos ladrões, pronuncia a frase secreta e, quando a porta se abre, encontra o corpo do irmão. Decide, então, levá-lo até a cidade para ser enterrado.

Ao chegar a casa, conta a todos o que sucedeu. Uma escrava de Qasim, Murjana, arquiteta um plano para que todos da cidade pensem que o patrão teria morrido de alguma enfermidade. Primeiramente, vai a uma botica e compra remédios e substâncias medicinais. Após, conduz um sapateiro até a casa de Qasim para que o corpo seja costurado. Em seguida, sua morte é anunciada a todos da cidade e, o corpo, enterrado.

Os ladrões, tendo regressado ao esconderijo e não encontrando o corpo de Qasim, constataam que mais pessoas sabem de seu segredo. Então, decidem que um deles irá até a cidade tentar descobrir sobre as mortes que teriam ocorrido ultimamente. O ladrão designado para tal finalidade vai à cidade e encontra o sapateiro, que termina por contar-lhe sobre o corpo que costurou e o leva até a casa de Qasim. Ao constatar que a porta da casa era semelhante às



demais, faz um sinal com tinta branca e retorna ao esconderijo. A escrava Murjana vê o sinal na porta, suspeita e decide desenhar nas portas das casas vizinhas o mesmo sinal feito pelo ladrão. O grupo de ladrões, ao chegar à rua da casa de Qasim, avista várias casas com o sinal branco e desiste. Outro ladrão, então, é designado para descobrir qual é a casa de Qasim, mas também falha.

O chefe dos ladrões decide que ele mesmo irá se encarregar da descoberta da localização da casa de Qasim. Vai à procura do sapateiro, que o deixa defronte. Em seguida, retorna ao esconderijo e arquiteta um plano para eliminar aqueles que sabem o segredo do esconderijo. Compra quarenta odres gigantes: cada ladrão, empunhando um alfanje, entra em um odre. Enche os dois restantes com azeite e, fingindo ser mercador, dirige-se à casa de Qasim, onde Ali Babá vivia com a mulher, o filho e a cunhada. Pede abrigo para pernoitar, prontamente concedido por Ali Babá. Entretanto, após todos se recolherem, a escrava Murjana organiza a cozinha para o dia seguinte até a luz do lampião se apagar, por falta de azeite. Um escravo, então, lembra dos odres cheios de azeite do mercador. Quando a escrava se aproxima, os ladrões, dentro dos odres, perguntam se já está na hora. Murjana percebe tratar-se de um plano, coloca o azeite para ferver e derrama em cada um dos trinta e oito odres, matando todos os ladrões. O chefe do grupo, quando decide pôr em prática o plano de vingança, percebe que os demais estão mortos e foge da casa de Ali Babá.

Retornando ao esconderijo da floresta, pensa em outro plano. Compra, então, uma loja no mercado, defronte à do filho de Ali Babá, e os dois se tornam amigos. Um dia, o filho de Ali Babá o convida para jantar na casa do pai. A escrava Murjana reconhece o líder dos ladrões e, durante o jantar, o mata. Ali Babá, ao perceber o que acontecera, e como forma de agradecer à escrava, casa Murjana com seu filho. Decorrido um ano, Ali Babá e o filho vão ao esconderijo dos ladrões e retiram o restante da riqueza que ainda se encontrava lá.



É essa história, portanto, que, por meio de seu título, desterritorializa-se, ou seja, é retirada da territorialidade em que seria “naturalmente” encontrada – a literatura árabe¹¹ – para chegar reterritorializada, tanto aos clientes da loja de produtos de origem do Oriente Médio quanto aos transeuntes da calçada e da rua em que a loja está localizada, na forma do enunciado *Conheça o Alli Barato e os 40% de desconto*. Assim, Ali Babá se des/reterritorializa em “Alli Barato”, e “os quarenta ladrões” se des/reterritorializam em “os 40% de desconto”, para construir os sentidos que compõem a estratégia de chamar a atenção do cliente em meio à competição do mercado. Como bem nos lembram Deleuze e Guattari (2010), ocorre uma transpassagem, ou seja, um movimento que transpõe o limite de uma territorialidade – a princípio, bem definido – desterritorializando e reterritorializando essa territorialidade, fazendo fugir seus fluxos em direção aos sentidos que essa “nova” territorialidade propõe construir.

Entretanto, se a des/reterritorialização da história de Ali Babá, criando o enunciado aqui em análise, caminha na direção de construir e reforçar sentidos associados à propaganda de uma loja de produtos do Oriente Médio, outros sentidos também podem ser agregados nessa transpassagem, principalmente se levarmos em consideração a própria história da presença árabe na cidade de Cuiabá. Como expus em outro passo, os imigrantes árabes, compostos majoritariamente por sírios e libaneses, foram incorporados e integraram-se à vida social da cidade devido, possivelmente, ao sucesso econômico e social, além da questão religiosa. O enunciado des/reterritorializado *Conheça o Alli Barato e os 40% de desconto* parece nos convidar a lembrarmos de que o árabe, esse “outro” oriundo de um distante e temível Oriente, e construído, como nos lembra Said (2013), sob rótulos muito amplos que agrupam e encobrem toda variedade possível da pluralidade

¹¹ Convém observar que “Ali Babá e os quarenta ladrões” integram um thesaurus de histórias que se universalizaram e são conhecidas para além da literatura árabe. Entretanto, neste artigo, toma-se a literatura árabe como a territorialidade contígua à história de “Ali Babá e os quarentas ladrões” por constituir a origem da história, mesmo reconhecendo sua popularização como gatilho para que seja usada intertextualmente em um gênero discursivo popular como a propaganda de rua.

humana, encontra-se bem aqui, contribuindo para compor o cenário urbano des/reterritorializado e múltiplo de Cuiabá.

Para além da praça Rachid Jaudy, do clube Monte Líbano e da mesquita; para além de uma totalidade (rotulada) de terroristas, que constituem ameaça à existência de Israel; para além de descendentes de mascates (fluviais) que se fixaram no comércio da cidade, os sírios e libaneses que imigraram para Cuiabá também concorrem, com seus textos (literários) des/reterritorializados, para a compreensão do retrato de uma Cuiabá múltipla, assim como o inglês des/reterritorializado identificado por Assis-Peterson (2008) em nomes de estabelecimentos comerciais da cidade.

Por fim, nesse cenário, composto por transpassagens, e cujas fronteiras territoriais e linguísticas se diluem, parece, de igual modo, haver muito pouco espaço para purismos, sejam linguísticos, culturais, de gênero e/ou etnorraciais. Aquele longínquo e amedrontador Oriente, não civilizado e inferior, cujos habitantes são “incapazes de representar a si mesmos” (SAID, 2013, p. 391), em Cuiabá, assim como em diversas outras cidades brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Foz do Iguaçu, para citar as com maior concentração), encontra-se aqui, ali e aí, des/reterritorializado e constituindo também nossas territorialidades.

Considerações finais

Neste artigo, busquei analisar o enunciado *Conheça o Alli Barato e os 40% de desconto*, que constitui estratégia de propaganda de uma loja de produtos de origem dos países do Oriente Médio, situada na cidade de Cuiabá-MT. Para tanto, lancei mão tanto da história da presença árabe na capital mato-grossense quanto dos conceitos deleuze-guattarianos de des/reterritorialização, além de trazer à baila os trabalhos de Jacquemet (2005) e de Haesbaert (2007; 2013; 2014). No meu entender, o referido enunciado constitui uma des/reterritorialização da história árabe de *Ali Babá e os quarenta ladrões*, contribuindo, por um lado, para chamar a atenção do cliente



em meio à competição do mercado e, por outro, para nos convidar também a conhecermos a existência árabe não mais como esse “outro”, rotulado indistintamente como terrorista, temível, ameaçador, que se encontra distante, lá no Oriente.

Reitero, portanto, como explicitarei em nota, a necessidade e a importância de estudos, ainda totalmente incipientes, sobre a segunda etapa da imigração síria e libanesa em Cuiabá, que, como observa Brandão (2007), começa a partir de 1945 e continua até os dias atuais. Conhecer quem são esses imigrantes, o que pensam, quais são suas referências poderá contribuir, de igual forma, para a compreensão do retrato de uma Cuiabá plural, com diversidade maior de territorialidades.

Por fim, conhecer parece ser a chamada que o enunciado aqui em análise nos propõe. Conhecer não apenas os produtos que estão à venda na loja a que se refere, mas conhecer um universo que, apesar de rotulado como remoto, amedrontador, não civilizado e inferior, encontra-se bem aqui e, juntamente conosco, compõe a multiplicidade da paisagem urbana de Cuiabá desde, pelo menos, o final do século dezenove. Trata-se, portanto, de um convite des/reterritorializado: *Conheça o Alli Barato e os 40% de desconto!*

Referências

ASSIS-PETERSON, A. A. Como ser feliz no meio de anglicismos: processos transglóssicos e transculturais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 47, n. 2, p. 323-340, 2008.

BRANDÃO, G. A. **Sírios e libaneses em Cuiabá: imigração, espacializações e sociabilidade**. 2007. 144p. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

FARAH, P. D. E. The summit of South America – Arab States: historical contexts of South-South solidarity and Exchange. In: AMAR, P. (Ed.) **The**



Middle East and Brazil: perspectives on the new global South. Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 39-56.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou Do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, F. G. B.; HAESBAERT, R. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos.** Rio de Janeiro: Access, 2007, p. 33-56.

_____. Del mito de la desterritorialización a la multiterritorialidad. **Cultura y representaciones sociales**, v. 8, n. 15, p. 9-42, 2013.

_____. **O mito da desterritorialização** – do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

JACQUEMET, M. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. **Language & Communication**, n. 25, p. 257-277, 2005.

Livro das mil e uma noites, volume 1: ramo sírio. Trad. Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Globo, 2005a.

Livro das mil e uma noites, volume 2: ramo sírio. Trad. Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Globo, 2005b.

Livro das mil e uma noites, volume 3: ramo egípcio. Trad. Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Globo, 2007.

Livro das mil e uma noites, volume 4: ramo egípcio + Aladim & Ali Babá. Trad. Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Globo, 2012.

PINTO, P. G. H. R. Muslim identities in Brazil: engaging local and transnational spheres. In: AMAR, P. (Ed.) **The Middle East and Brazil: perspectives on the new global South.** Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 241-256.

RABOSSI, F. Terrorist frontier cell or cosmopolitan commercial hub? The Arab and Muslim presence at the border of Paraguay, Brazil, and Argentina. In: AMAR, P. (Ed.) **The Middle East and Brazil: perspectives on the new global South.** Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 92-115.

SAID, E. W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Trad. Rosaura Eichenberg. 4. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.



Recebido em 13/02/2015.
Aceito em 17/06/2015.

Fernando Zolin Vesz

É doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é técnico em assuntos educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), Câmpus Cuiabá-MT. E-mail: fernando_vez@hotmail.com